Espaço em Revista
ISNN: 1519-7816 v. 19, n. 1, jan./jun. 2017. p. 161-174

AS PAISAGENS GEOGRÁFICAS DE "GRANDE SERTÃO: VEREDAS"[1]

Iris Maria Tomé
Mestra pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.
Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociambientais (NEPSA – CNPq)
E-mail: *iristome7@gmail.com*

Idelvone Mendes Ferreira
Professor do Instituto de Geografia-RC/UFG e Coordenador do Núcleo de Pesquisas Socioambientais-NEPSA/CNPq.
E-mail: *idelvoneufg@gmail.com*

Lélia de Fátima Tomé
Mestranda no programa de Pós-Graduação em História Mestrado Profissional, pela Universidade Federal de Goiás Regional Catalão (UFG).
E-mail: *lelia.tome@seduc.go.gov.br*

Resumo: O texto descreve a caracterização de paisagens abordadas por João Guimarães Rosa em sua obra "Grande Sertão: Veredas". Embasando-se em descrições de paisagens identificadas na leitura da referida obra, atentando-se para os diversos elementos e características abordados pelo autor, que descreve um cenário denso e particularidades de cada paisagem. Guimarães Rosa se pauta em duas viagens por ele realizadas, as quais possibilitaram a observação de cada lugar e de diversas paisagens por onde percorreu, constatando as particularidades ímpares de cada uma, a junção de sentimento e misticismo, regionalismo, culturas sertanejas, entre outros elementos/recursos que correspondem ao todo dos lugares percorridos por Guimarães.
Palavras-chave: Paisagem. Vereda. Sertão. Percepção.

THE LANDSCAPES OF GEOGRAPHICAL "GREAT BACKLANDS"

Abstract: This paper describes the characterization of landscapes covered by João Guimarães Rosa in his "Grande Sertao: Veredas". Therefore, in embasamos landscapes descriptions identified in the said work reading, paying attention to the various components and characteristics covered by the author, which describes a dense landscape elements and features of each landscape. Guimarães Rosa is guided in two trips he made, which allowed the observation of each place and diverse landscapes where come, noting the unique characteristics of each of the sense of joint and mysticism, regionalism, sertanejas cultures, among other things / resources that match all of the places covered by Guimarães.
Keywords: Landscape. Path. Hinterland. Perception.

1 Introdução

O presente texto descreve aspectos fitofisionômicos de paisagens presentes na obra "Grande Sertão de Veredas", de João Guimarães Rosa. O autor descreve características individualizadas em diferentes lugares. Para a construção da obra, ele se embasou em duas viagens, uma em 1945 e outra em 1952, uma narrativa caracterizada única do início ao fim.

A presença de figura de linguagem exige uma leitura minuciosa para melhor entendimento da obra, aspectos como o excesso de palavras de mesmo sentido (sinonímia),

[1] Artigo vinculado a produção da dissertação de mestrado "Análise comparativa do uso do solo na bacia hidrográfica do Ribeirão Samambaia em Catalão (GO): 2000 a 2015, defendida em 03/05/2017.

para descrever breve acontecimento ou um "fato qualquer", entre outras figuras de linguagem recorrentes. A narrativa possui forte elementos do romance brasileiro, o que possibilita a liberdade de criação de termos, a presença do eu lírico e a subjetividade. A leitura deve ser feita, assim, de forma "cautelosa", com especial atenção para os termos regionais, que tendem a tornar a compreensão complexa, além da constante comparação de acontecimentos entrelaçados a outros elementos. O autor utiliza do recurso linguístico regionalismo em toda obra e, dessa forma, descreve cada lugar e suas características.

A descrição das paisagens na obra é feita de forma detalhada, com as particularidades individualizadas de cada uma, caracterizando-as e comparando-as com elementos diversos. Também há presença do misticismo, o qual o autor deixa evidente em algumas passagens. Justifica-se, assim, que as dificuldades da vida podem ser amenizadas a partir da crença religiosa. Segundo Guimarães Rosa: "O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver". As dificuldades e limitações de viver no Sertão podem ser amenizadas tendo o princípio da fé para o enfrentamento de diversos desafios.

João Guimarães utiliza termos "fortes" para comparar situações adversas, enfatizando a vida no sertão de maneira difícil e enfrentamentos diários reforçando a necessidade de uma crença religiosa. Conforme o autor, "Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!".

Dessa maneira se constrói a obra o "Grande Sertão: Veredas", um emaranhado de informações e elementos correlacionados, o que permite o resgate histórico de um processo social em diferentes características de paisagens vivenciadas e sentidas por indivíduos que "permitem" viver as condições de determinado lugar, podendo ser de maneira "tranquila ou em condições difíceis" determinada por vários elementos climáticos e geográficos presentes em um determinado lugar.

2 Descrição da percepção paisagística: "Grande Sertão: Veredas"

Ao descrever alguns aspectos paisagísticos, com fundamentação teórico-conceitual embasada na literatura, com intuito compreender a temática referida, a obra de João Guimarães Rosa "O grande Sertão: Veredas". Caracteriza-se a forma de romance descrito em uma única narrativa do início ao fim, retratando aspectos particulares de algumas paisagens geográficas descritas na obra.

É oportuno ressaltar que a obra é narrada pelo personagem protagonista, Riobaldo, um ex-jagunço sertanejo que vivencia acontecimentos e enfrentamento diversos, "impostos" pelas condições do Sertão, lugar que apresenta inúmeras características do espaço geográfico, e a disputa pelo território. Baseada em relatos e observações, estruturados em meios a conflitos de grilagem na região Norte de Minas Gerais, Sul da Bahia e Goiás no final do século XIX e início do século XX.

A leitura da obra torna-se um "trabalho Árduo" devido à presença de termos regionalista, ainda por não ter uma sequência cronológica, a narrativa não segue uma linearidade de acontecimentos, tendo a impressão que Riobaldo narra na medida em que vai recordando de fotos, uma "mistura" de paixão pela Diadorim e as paisagens do Grande Sertão nas Minas Gerais.

Portanto, a história mostra a intensa ligação de Riobaldo, ao mundo do Sertão, o leitor tenha a impressão de participar da narrativa, pela característica de deixar Subentendido fatos narrados, induzindo o leitor a fazer suas próprias conclusões sobre determinados fatos narrados. Lugares ou em nota-se o envolvimento pela emoção, ao narrar às características de cada lugar, a realidade vivida (condições físicas do lugar elementos naturais) juntamente com seu encantamento por Diadorim, personagem ao qual Riobaldo se apaixona Diadorim, um jagunço também.

Riobaldo estabelece uma relação diferenciada, que se coloca nos limites entre a amizade e o relacionamento afetivo de um casal. Pode-se entender que a percepção da paisagem é determinada pela experiência de vida e sua afeição. Assim, cabe à ciência geográfica considerar a ação de perceber a paisagem, sendo um resultado de uma análise correlacionada por uma série de elementos.

Ação de percepção corresponde um processo dinâmico, em constante modificação relacionada a vários influenciadores. O que possibilita entender que a experiência de vida do sujeito seja uma das condicionante para tal processo. A atividade perceptiva está associada à experiência de vida, considerada em termos de trocas entre o observador e a paisagem, enfatizando dois aspectos importantes a serem considerados, o cognitivo e o afetivo.

Assim, a categoria paisagem, é percebida a partir de vários elementos interligados entre si, além dos fatores naturais presentes no ambiente. Como já foi dito, a ação de perceber determinada paisagem, está diretamente associada à experiência vivida do sujeito que a observa. Fatores condicionantes do indivíduo aspecto biológico, aspectos culturais, aspectos de escala, e ponto de vista do observador além de ressaltar o ponto de observação também interfere na percepção.

À medida que conhecemos determinada paisagem, desenvolvemos sentimentos um laço de afinidade. À medida que o homem ganha mais experiência, seu "ponto de vista" é modificado, esse processo ocorre diariamente, o que justifica a constante dinâmica.

Entendendo que, ao realizar a percepção sobre determinada paisagem, pelo mesmo individuo em momentos distintos, esta mesma paisagem, não será percebida da mesma maneira devido à interferência de sua análise pessoal. Sendo que o espaço físico e elementos podem até permanecerem visualmente idênticos à análise anterior, porém a experiência de vida do sujeito e ponto de vista resultará em outra forma de percepção.

A percepção ao longo da história vai sendo restruturada a partir de novos estudos e teorias que agregam outros elementos que influenciam na percepção, atribuindo fatores inovadores para o resultado da percepção. E considera alguns fatores para caracterização da paisagem, e com o processo de evolução esses fatores foram sendo incorporados e (re) formulados a partir de pesquisadores que desenvolvem novos estudos referentes a esta temática.

Ao analisarmos a historicidade do homem, é possível identificar que o conhecimento geográfico sempre esteve presente, mesmo em períodos remotos que havia a necessidade de deslocarem em busca de lugares, que "possibilitassem" de certa forma condições para sobreviverem através dos recursos disponibilizados pela natureza. Neste viés de análise, o conceito, lugar, até então não tinha sentido enquanto categoria geográfica, porém sua importância já se fazia presente.

Ao tentar relacionar à obra de Guimarães Rosa, é possível compreender através da narrativa feita pelo Riobaldo (Personagem-protagonista) os lugares são narrados de forma romantizada, com um olhar do sertanejo que vivencia este ambiente, mesmo com os enfrentamentos (batalha) a fim de conquistas de território. Durante toda a história do ser humano esteve presente à paisagem, esta independente de sua intervenção, porém de variadas formas para sua percepção resultado de uma gama de elementos correlacionados a vários elementos influenciadores. É interessante se atentar em algumas teorias que defendem a influência de aspectos cognitivos.

Torna-se importante ressaltar, logo de partida, o caráter fragmentado da narrativa da nação no Grande Sertão: Veredas, posto que, Riobaldo, ao contar a história de sua vida, ao recontar a história do sertão, não segue uma ordem cronológica dos fatos, nem o método da historiografia tradicional. Vai contando conforme vai lembrando.

O fato de o personagem-narrador estar contando a sua história, permitiu a Rosa – no propósito de mapear o *vasto sertão* em sua ficção – incorporar à sua escrita grande parte do

saber transmitido oralmente no sertão de Minas Gerais, o qual passou boa parte da vida registrando, ao modo dos viajantes europeus que visitaram o sertão do Brasil no Século XIX, os quais além de documentarem a flora e a fauna, historicizaram a paisagem do sertão ao mostrarem a ação destruidora e transformadora do homem.

Foi a partir dessa documentação pessoal que Guimarães Rosa construiu a sua obra de ficção, toda ela retratando o homem do sertão do ponto de vista do homem do sertão e não dos naturalistas europeus que pesquisaram na região, mas que, diferentemente do interlocutor de Riobaldo, não deram ouvidos aos homens do sertão.

Nesse sentido, a proposta para perceber a paisagem, abarca além do que está ao "alcance" dos olhos, ou informações adquiridas através da leitura, e sons que possibilita através da imaginação detectar o que vem a ser um objeto ou lugar, entre outros fatores que contribuem para identificar algum objeto ou lugar.

> A experiência documentaria de Guimaraes Rosa, a observação da vida sertaneja, paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia dorustico, - tudo se transformou em significado universal graças a invenção, quesubtrai o livro a matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, jubilo, ódio, amor, morte ‑ para cuja orbitanos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco e acessório e que na verdade o Sertão e o mundo.(CANDIDO, 1991, p. 295).

Discorrer sobre características de determinada paisagem, segundo Yi-fu Tuan em sua obra "Topofilia, um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente" (1980), chama atenção sobre a influência de fatores cognitivos, ambos devem ser considerados para percepção paisagística, que está ligada à percepção, aquisição de um conhecimento.

3 Paisagem descrita a partir da afetividade

"A topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal", segundo Tuan (1980)

> A superfície de Terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem extremamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura – uma possível perspectiva entre muitas. (TUAN, 1980).

A análise da Obra de João Guimarães Rosa, partindo do pressuposto a influência particular de cada sujeito na percepção da paisagem compreende-se, que, ao considerar as

características das paisagens relatadas de cada indivíduo tenha 'sofrido alteração' tenha passado pelo filtro perceptivo individual do mesmo.

Características descritas possivelmente podem ter sua "formulação" a partir da experiência de vida através da percepção particular do indivíduo influências cognitiva e experiência de vida. A paisagem tem sua relevância enquanto categoria na ciência geográfica constituindo-se como um tema clássico, um conceito permanente dentro da Geografia e um ponto de partida das observações.

Ao analisar uma paisagem é interessante levar em consideração alguns aspectos particular de cada indivíduo, pois ambos podem "determinar" a análise tornando-a diferenciada em um mesmo lugar por indivíduos diferentes, reflexos do processo sociocultural de cada observador. Para Tuan (1980)

> A percepção é uma atividade, um entender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são poucos eficazes quando não são ativamente usados. Nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir. (TUAN, 1980).

A percepção da paisagem ocorre a partir de uma série de elementos correlacionados um ao outro, alguns desses aspectos como biológicos, psicológico, cultural, análise do ponto de vista do indivíduo, escalas, assim a percepção é realizada. A paisagem constitui tema central para compreender os diferentes aspectos da organização espacial, os aspectos físicos formam os quadros naturais aos quais os grupos humanos imprimem transformações maiores ou menores, segundo o grau de tecnologia alcançada e os valores atribuídos a eles.

Reunindo tamanha diversidade que geograficamente se expressa na existência de vários lugares, e territórios, o sertão congrega, consequentemente, em seu âmago, ambiguidades, contrastes e paradoxos que são típicos do mundo (MELO, 2006).

No excesso de sentidos que o sertão assume no texto de Guimarães Rosa, a construção desta paisagem vai sendo recriada pela memória do narrador, acompanhando seu deslocamento pelo sertão, fazendo desta paisagem outros sentidos. Tão variada para que os geógrafos se dedicassem ao estudo de áreas individualizadas, dirigindo sua atenção para a paisagem, isto é, para a fisionomia, para a maneira como ela se apresenta aos nossos olhos.

Na literatura, a paisagem vai progressivamente narrada por elementos físicos, colocando como um espaço indissociável entre objetivo e subjetivo. Como já foi descrito atualmente o termo incorporou-se a diversos meios, admitindo-se a possibilidade paisagens musicais, literárias, geográficas, históricas, e outras tornando o conceito multidisciplinar.

A palavra sertão é repetida várias vezes no romance do Guimarães Rosa, assumindo uma infinidade de sentidos e leituras, originando, por sua vez, múltiplas propostas de interpretações a respeito do significado deste sertão. Pode-se ser observado já nas primeiras páginas do romance:

> [...] O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a força adentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os do Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos (...). O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...O sertão esta em toda a parte. (ROSA, 2001, p. 23-24).

A Citação descreve características do sertão, território agregado de elementos que estão interligados à característica do sertanejo carregado de particularidades. O autor descreve com riqueza de detalhes as paisagens geográficas na obra, com predominância o sertão como território, apresentando os embates demostrando através de batalhas entre grupos de jagunços (grilagem) na busca pela conquista de território.

Nesse sentido, é interessante ressaltar algumas dessas paisagens descritas, as quais o autor faz descrição a partir das viagens realizadas, e descreve-as, contendo termos regionais, e agregando elementos místicos, também presença do sentimento da emoção e o vivido pelo sertanejo. Ao eleger algumas dessas paisagens e descreve-las seja interessante demostrar como Guimarães Rosa agrega termos regionais, como expressa a seguinte citação;

> Ao que nós acampados em pé duns brejos, brejal, cabo de várzea. Até, lá era favorável de defender que os cavalos se espairassem – por ter manga natural, onde se encostar, e currais falsos, de pegar gado *brabeza. Natureza* bonitta, o capim macio. Me revejo, de tudo, daquele dia a dia. (ROSA, 2001, p. 74).

A citação acima mostra como o autor descreve o ambiente fitofisionomico inserida no Bioma Cerrado, utilizando elementos fragmentados caracterizando a ambiente Vereda. Assim, o autor demostra a liberdade em criação devido ao recurso linguístico, predominando o regionalismo no decorrer de toda a obra.

O estilo literário inovador "criado" pelo autor Guimarães Rosa gera certo desconforto refletindo uma repercussão, devido ao período da criação da obra devido ao estranhamento. Como pode ser percebido a seguir na descrição do autor um agregado de elementos ao descrever vários ambientes de forma fragmentada, ausente de uma linearidade coerente auxiliando o entendimento.

> Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem...Com isso minha fama clarêa ? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O Senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra. Vaqueiros? Ao antes _ a um, ao Chapadão do Urucúia _ aonde tanto boi berra ... Ou o mais longe: vaqueiros do brejo-Verde e do Córrego do Quebra- Quináus: cavalo deles conversa cochicho _ que se diz _ para dar sisado conselho ao cavalheiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar. Creio e não creio. Tem coisa e cousa, e o ó da raposa... Dali para cá, o senhor vem, começos do Carinhanha _ e do Piratinga filho do Urucúia _ que os dois, de dois, se dão as costas . Saem dos mesmos brejos _ buritizais enormes. Por lá, sucurí geme. Cada surucuiú do grosso: vôa corpo no veado e se enrosca nele, abofa_ trinta palmos! Tudo em volta, é um barro colador, que segura até casco de mula, arranca ferradura por ferradura. Com medo de mãe-cobra, se vê muito bicho retardar ponderado, paz de hora de poder água beber, esses escondidos atrás das touceiras de buritirana. Mas o sassafrás dá mato, guardando o pôço; o que cheira um bom perfume. Jacaré grita, uma, duas, as três vezes, rouco roncado. Jacaré choca_ olhalhão, crespido do lamal, feio mirando na gente. Eh, ele sabe se engordar. (ROSA, 2001, p. 47).

A citação acima reforça o recurso explorado pelo autor quando descreve cada paisagem, estruturada por diversos elementos descontínuos, embora se constitui enquanto paisagem a partir de compreender o significa de forma abrangente caracterizando a descrição de uma determinada paisagem. O recurso utilizado pelo autor possibilita ao leitor imaginar o ambiente ao qual descreve de forma particular.

O fato de o narrador não seguir uma linearidade de fatos narrados proporciona ao leitor a condição de "participante" do enredo descrito na narrativa, possibilitando a liberdade de criar suas próprias conclusões em determinadas passagens na narrativa, à sensação que o autor não fecha a ideia e agrega outros fatos narrados dificultando o entendimento.

Em algumas passagens da obra o leitor se "perde" ao identificar se a descrição do narrador realmente refere-se à admiração plena pela paisagem, ou se descreve deixando influenciar pelo sentimentalismo, narrativa estruturada em meios a misticismos religiosos. Nesse sentido, compreende que o sujeito está vulnerável a uma série de mecanismos particular e individualizado, independente da paisagem observada.

Parece-nos que através da representação das duas travessias no Liso do Sussuarão, Rosa pretende questionar os estereótipos a respeito do sertão, que é classificado como espaço árido, infértil, pobre, onde quase não há vida. Através da narração da segunda travessia do Liso do Sustarão, Guimaraes Rosa apresenta, portanto, um sertão que se estende além dessas concepções pejorativas. Ele mostra que o sertão e múltiplo e não comporta classificações redutivas que limitam o seu campo de significação.

Sertão-mundo marcado por dualidades: árido "[...] a gente rompeu adiante, com bons cavalos novos para retroco. Sobre os gerais planos de areia, cheios de nada." (1986, p. 461),

mas também com uma paisagem marcada por rios e abundancia em agua: "[...] eu era Riobaldo, com meus homens, trazendo gloria e justiça em território dos Gerais de todos esses grandes rios que do poente para o nascente vão, desde que o mundo é mundo e, enquanto Deus dura!" (1986, p. 389) inclusive aguas subterrâneas: "O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando de baixo da terra. O senhor dorme sobre um rio? (1986, p.255) além da agua de chuva: "[...] eles sabem como o Gerais espaçoso; como no Gerais tem disso: que, passando noite tão serena, desse de manhã o desabe de repente daquela chuva..."

O exercício de perceber a paisagem envolve uma série de elementos como já foi descrito, porém, além desses, há ainda a condição da percepção a paisagem inserida no processo de Topofilia quando o indivíduo descreve lugares com recordações demostrando afeto e admiração, com ligação afetiva, como pode ser observado em alguma passagem na obra.

> Demos no rio passamos. E, Aí, a saudade de Diadorim voltou em mim, depois de tanto tempo, me custando seiscentos já andava acoroçoado de fogo de chegar, chegar e perto estar. Cavalo que ama o dono, até respira. Do mesmo jeito. Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens, mais redondada recortada. Viemos pelo Urucúia. Rio meu de amor é o Urucúia. (ROSA, 2001, p. 88-89).

Ao analisar a citação acima se compreende agregado de elementos, narrados com emoção, os lugares que desperta sentimento agradável, influenciado pelo emocional referindo ao rio Urucúia, ao encanto da lua, descritos impulsionado pelo sentimento de recordação da paixão do narrador (Riobaldo), por Diadorim, ("Jagunço" apresentado como Reinaldo, aos colegas de jagunçagem, mas à Riobaldo apresenta-se como Diadorim, a qual desperta sentimento amoroso por Riobaldo).

Esta passagem descreve entre tantas outras, quando o narrador envolve o sentimento por Diadorim, ao descrever alguns aspectos das paisagens por onde passa. Despertando ao leitor o exercício de compreender a percepção do narrador influenciada por seu filtro individual, ou tentar imaginar o lugar descrito, já que ò faz de forma bem detalhada/particular de cada paisagem, especificando os elementos que a constituem. Assim se faz a obra de Guimarães Rosa um agregado de elementos alinhavado por um contexto histórico social cultural religioso regionalismo entre outras características, presente na narrativa.

De acordo com esta proposição, a imagem poética consistiria na tentativa de expressão de uma "paisagem de uma experiência" que, por sua vez, coloca em jogo a ideia de uma

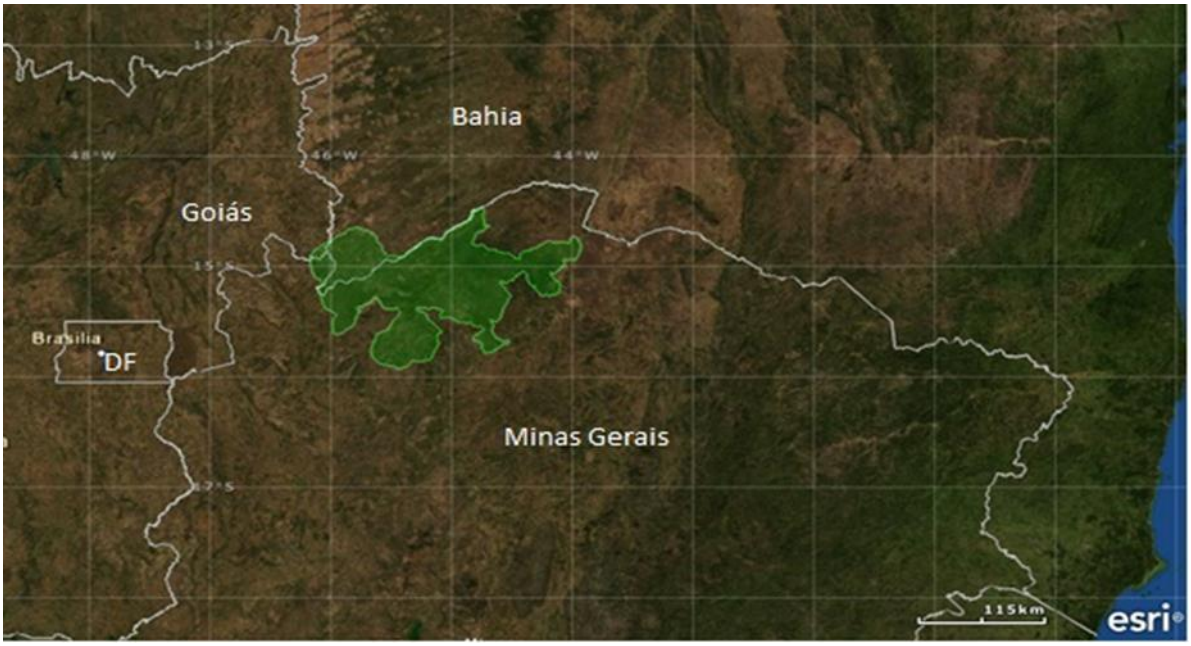
"estrutura do horizonte", horizonte que vem a ser o da escrita poética, da busca de uma fala com o mundo realizada pela poesia e pelos poetas. Neste sentido, pode-se afirmar que a estrutura do horizonte da poesia rompe com as disjunções tradicionais entre "coisa ouvida" e "coisa pensante", entre ver e dizer, ou entre espaço e linguagem.

A percepção geográfica do sertão e das veredas se manifesta pelos sentidos, relações são estabelecidas diretamente com o espaço e o lugar com os astros, procurando orientações e direções geográficas e revelando movimentos: "aí eu podia medir, pelas estrelas que vão em movimento, descendo no rumo de seu poente, elas viravam". (p. 158). Outras vezes é com carinho que se relaciona: "Estrela goste de brilhar é por cima do chapadão". (p. 351). Ou, então "só não acabamos sumidos extraviados, por meio de regular das estrelas", ou mais adiante "céu alto e odiado da lua". (p. 44)

O horizonte assinala a dupla face da experiência perceptiva: o sentido, como foi dito, que a define como uma experiência simbólica, já contida (mas não totalmente determinado) numa simples apreensão de qualquer cena, diz Collot, na qual desde sempre haveria uma série de relações entre os objetos que são igualmente percebidas e fazem parte deste mundo simbólico, da linguagem11.

E, de outro lado, uma ausência, concebida por Lacan como própria ao registro do real, do impossível que escapa a toda representação12, que aqui demarca uma linha de um invisível absoluto ao qual a poética contemporânea não cessa de evocar13, na sua insistência em reenviar continuamente a novos sentidos, novos horizontes de sentidos: "ela não é a seus olhos (dos poetas) um limite provisório que se permite cruzar para descobrir o que segue à paisagem.

Figura 1 - Delimitação do parque Grande Sertão Veredas.



Fonte: WWF. Grande Sertão Veredas. Acesso em: 27 dez. 2016.

O parque foi criado a partir da obra literária de Guimarães Rosa O Grande Sertão Veredas, obra que causa repercussão pela inquietação e até então normas que contradizia os padrões da época em que foi escrita, Guimarães Rosa foi determinante no que refere-se à criação do parque por meio da obra prima a qual descreve, por meio de suas duas viagens "inspiradoras" sobre as paisagens narradas juntamente com a vida do sertão as condições dos sertanejos, os tempos de grilagens tempo perversos onde o sertanejo enfrentava não somente as condições precárias da vida no sertão mas também as batalhas confrontos para posse de terras.

O parque foi criado com intenção preservar e delimitar o percurso feito por Guimarães Rosa, descrita na obra Grande Sertão de Veredas a delimitação do parque possibilitou aos moradores permanecerem, porém com novas condições de atividades, com intuito de preservar. O parque está inserido em uma porção no estado de Mato grosso, Minas Gerais, e Bahia.

> O parque comporta várias características entre estas, como descreve Guimarães Rosa sobre o "Rio Urucuia, filho do Velho Chico "O URUCUIA vem dos montões oestes. [...]. O GERAIS corre em volta. Esses Gerais são sem tamanho. [...]. [...]. Viemos pelo URUCUIA. [...]. O chapadão – onde tanto boi berra. Daí, os GERAIS, com o capim verdeado. Ali é que vaqueiro brama, com suas boiadas espatifadas. [...] Vaqueiros todos vaquejando. O gado esbravaçava [...]. O URUCUIA não é o meio do Mundo? (ROSA, 1988, p. 59).

A Bacia hidrográfica do rio Urucuia nasce na Serra Geral de Goiás, fronteira desse Estado com Minas Gerais. Suas águas vão deslizando entre morros e chapadões, no sentido oeste-leste até chegar ao rio São Francisco (Velho Chico). Os córregos que formam suas nascentes estão nos municípios de Formosa e Cabeceiras, em Goiás, e Buritis – MG. Geologicamente, a maioria dos tipos de solo dessa bacia é parte da Formação Urucuia, que apresenta idade variável entre 80 e 50 milhões de anos.

4 Considerações finais

A intenção de descrever algumas das paisagens geográficas enfocada por Guimarães Rosa exige do leitor um esforço referente à compreensão, devido à abrangência de elementos que o autor utiliza ao descrevê-la. Destacando algumas dessas, figuração de linguagem, termos regionais, a liberdade em narrar fatos ausente de linearidade, o que torna complexo ao entendimento claro de fotos narrados.

Portanto, devido a estas características, que não eram comuns no período em que a obra foi escrita, gera desconforto aos leitores e pelo mesmo motivo, torno-a referência das obras clássicas da literatura brasileira, por fugir aos padrões literários. O leitor depara com uma série de "obstáculos" que devem ser superados, a fim de entender o que o autor quer demostrar. É interessante ressaltar, da inquietação pessoal em conhecer a obra, despertada pelo título, ora! Grande Sertão: Veredas? São dois ambientes enquanto espaço físico que se difere quanto à característica que às compõem. Por tanto o autor reforça a luta constante do Sertão as batalhas pela conquista de territórios (grilagem) os desafios que devem ser enfrentados para viver no sertão.

E uma obra carregada de termos regionais a presença do místico, também a forte presença da cultura Sertaneja, e os vários ambientes descritos por onde o autor percorreu. As paisagens são narradas com presença de topofobia e topofilia; Yi- fu Tuan (1980), como pode ser observada ao longo do texto quando o autor se coloca como sertanejo que vivencia a realidade do sertão. Que apresenta diferentes ambientes os quais despertam a ele recordações com apego (topofilia) outros geram ao repulsa (topofobia).

"O Sertão, é, ao mesmo tempo um "*lugar*" no sentido da percepção, cheio de afetividades, e um "*espaço*", indiferenciado, aberto e cheio de perigos onde ocorre o melhor de seus dias." *Sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca*". (GSV). O texto presente é resultado de uma análise literária da obra Grande Sertão Veredas, tendo como ponto de estudo, a percepção das paisagens geográficas descritas por Guimarães Rosa, assim há uma gama de elementos condicionantes para perceber uma paisagem, nesse

caso na obra de Guimarães Rosa, a narração é feita com base em viagens que Guimarães realiza no recorte espacial podendo ser percebida nas Figuras 1 e 2.

REFERÊNCIAS

AB´SABER, Aziz. Sertões e Sertanejos: uma Geografia sofrida. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP. V. 13, n. 36, 1999.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Las más recientes reflexiones sobre la evolución del pensamiento geografico. In. **Paisajes Geográficos**. Quito, Ecuador. n. 13, v.27, 1983 p. 16-28.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. **Cadernos Paisagem, Paisagens**. n. 3, Rio Claro, UNESP, 1998, p. 123-138.

ATLAS de Conservação da Natureza Brasileira. Unidades Federais. São Paulo: Metalivro, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1985.

BOLLE, Willi. O pacto em Grande Sertão: Veredas- esoterismo ou lei fundadora. **Revista USP**. São Paulo, n. 36, p.26-45, Dezembro-Fevereiro, 1997-1998.

BOLLE, Willi. Guimarães Rosa: leitor de Euclides. **Brasil/Brazil**. Porto Alegre, n. 20, 1998, p. 9-41.

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como médium-de-reflexão. **Revista USP**. São Paulo, n. 50, p.80-99, junho/agosto, 2001.

BOLLE, Willi. Representação do povo e invenção de linguagem em grande Sertão: Veredas. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 5 n. 10, p. 352-366, 1º sem. 2002.

BEZERRA, M. da C.; HEIDEMANN, D. **Dociê Guimarães Rosa**. Estudos Avançados. 2006.

BOAVENTURA, R. S. **Contribuição aos estudos sobre a evolução das veredas**. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 3, 1978, Fortaleza. Comunicações. Fortaleza: [s. n.], 1978. p.13-17.

BOLLE, Willi. "Grande sertão: cidades". **Revista da USP**, n. 24, dez/fev, 1994-1995. p.80-93.

BOLLE, Willi. O sertão como forma de pensamento. In: Antello et al. **Leituras do Ciclo**. Florianópolis, ABRALIC/ Chapecó, 1999. p. 255-266.

BOLLE, W. **Grandesertão.br**. Sao Paulo: Duas cidades; ed. 34, 2004.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teofl3tica**, Rio Claro, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990.

GALVAO, W.N. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

GUERRA, A. T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

HARDT, M. I. **Grande Sertão**: Veredas: da obra ao Parque Nacional. Curitiba, 2011. Dissertação de Mestrado, Curso em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

MEYER, M. Ser-tao natureza. In: **Seminário internacional Grande Sertão Veredas**. Belo Horizonte: Cescpuc, 2008

PIMENTEL, Sidney Valadares. **A festa de peão boiadeiro e a domesticação do sertão**. Goiânia: UFG, 1997.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988

ROSA, J. G.: **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2v.

ROSA, J. G. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SENA, Custódia Selma. A categoria Sertão: um exercício de imaginação antropológica. **Sociedade e Cultura**. Goiânia: Editora UFG. n. 1, v. 1, p. 18-28, jan./jun. 1998.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SENA FILHO, Nelson de. A Geopolítica do petróleo e a Petrobrás. In, Penna Lincon. **Três ensaios sobre a Petrobrás**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

SANTOS, J. A. **Paisagens e Paixões em "Grande Sertão. Veredas".** Departamento de Geografia. UFV, Visosa/SP. 2010.

STARLING, Heloisa. **Lembranças do Brasil**: teoria, política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas**.** Rio de Janeiro, Revan, UCAM, IUPERJ, 1999.

VIANA, Irma**. A Escrita da nação no Grande Sertão de Guimarães Rosa**. Baleia na Rede, Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura. v. 1, n. 6, ano VI, Dez/2009.

Tuan, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1980, p. 288.

Tuan, Y. **Espaço e Lugar**. São Paulo. DIFEL, 1983.